

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: A Geração dos Anúncios e o País Que Ficou a Ver Comboios Passar

Publicado em 2026-07-02 13:42:20



Fragmentos do Caos | Crónica Industrial e Política

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

FICOU A VER COMBIDOS Passar

Crónica sobre 52 anos de democracia, folclore económico, indústria destruída e pobreza administrada

Portugal tornou-se especialista numa forma particularmente cansativa de ilusionismo político: anunciar grandes negócios, prometer grandes investimentos, celebrar grandes regressos industriais, cortar fitas, fazer discursos, chamar câmaras de televisão, publicar comunicados e, depois, deixar o país vegetar na mesma pobreza elegante de sempre.

É uma arte nacional. Outros países fazem indústria. Portugal faz cerimónias sobre a indústria. Outros países constroem cadeias de valor. Portugal constrói palcos. Outros países formam técnicos, engenheiros, fornecedores e ecossistemas produtivos. Portugal forma painéis de debate sobre “oportunidades estratégicas”. A diferença parece subtil, mas vê-se no salário ao fim do mês.

Durante 52 anos de democracia, o país conquistou liberdade política, o que foi essencial. Mas depois uma geração atrás da outra de políticos medíocres conseguiu

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

industrial e tempo. Muito tempo. Mais de meio século.

E, no entanto, deixaram Portugal preso a uma economia estreita, frágil, excessivamente dependente de turismo, serviços de baixo valor, imobiliário, consumo interno, empregos mal pagos, microempresas, baixa produtividade e anúncios de investimento que parecem sempre o início de uma nova era, até a nova era desaparecer no arquivo de imprensa.

A mediocridade política portuguesa não falha por falta de discurso. Falha por excesso dele.

Fala de inovação enquanto importa tecnologia.

Fala de reindustrialização enquanto perdeu indústria.

Fala de produtividade enquanto alimenta modelos económicos de baixo valor.

Fala de soberania enquanto vende activos estratégicos.

Fala de juventude enquanto exporta jovens.

Fala de futuro enquanto administra ruínas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A SOREFAME nasceu em 1943, ligada à metalomecânica pesada, ganhou competências próprias de projecto, fabrico e montagem, começou por equipamentos hidromecânicos para barragens e depois entrou no material circulante ferroviário e em equipamentos pesados para sectores como petroquímica e petrolífera. Exportou para países como França, Paquistão, África do Sul, Guatemala, Brasil, EUA e Arábia Saudita, e fabricou carruagens nos anos 80 para os metros de Filadélfia e Los Angeles. Isto não era folclore industrial. Era capacidade técnica, exportação e cadeia de valor.

Depois veio a degradação no pós-25 de Abril, a perda de rumo, a passagem por vários donos nos anos 1990 e 2000, a integração na Bombardier e o encerramento em 2004. A RTP registava em 2007 que o fecho da fábrica da Bombardier na Amadora, antiga Sorefame, em 25 de Maio de 2004, afectou cerca de 400 profissionais ligados à produção de material circulante.

A Sorefame não era uma lembrança de arquivo. Era uma escola industrial. Era metalomecânica pesada. Era engenharia aplicada. Era fabrico. Era montagem. Era exportação. Era formação de técnicos. Era capacidade produtiva nacional. Era aquilo que distingue países que fabricam valor de países que fazem conferências sobre



voltar a fabricar comboios.

O regresso anunciado dos comboios

A Alstom anunciou em 2026 uma nova unidade industrial em Portugal, no Porto/Matosinhos, para apoiar o contrato de fornecimento de 153 comboios à CP. A empresa indicou que 81 comboios serão fabricados em Portugal, que a unidade terá mais de 20 mil metros quadrados e que o projecto deverá criar cerca de 300 empregos directos e mais de mil indirectos.

Isto pode ser positivo. Pode criar emprego. Pode recuperar algum saber técnico. Pode abrir portas. Mas não é, por si só, a reconstrução de uma indústria ferroviária portuguesa. É uma fábrica em Portugal dentro da estratégia de uma multinacional. E convém não confundir uma linha de montagem com soberania industrial, porque essa confusão já custou demasiado ao país.

Uma coisa é fabricar em Portugal.

Outra coisa é Portugal ter indústria.

Uma coisa é montar comboios.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma coisa é anunciar “o regresso”.

Outra coisa é reconstruir a floresta depois de a terem deixado arder.

*Não se recria tecido industrial com um contrato.
Recria-se com décadas de política industrial,
fornecedores nacionais, engenharia própria,
formação técnica, encomendas estáveis,
investigação aplicada, capital paciente e Estado
estratega.*

Portugal destruiu, abandonou ou deixou desaparecer sectores industriais que demoraram décadas a construir. A Sorefame no material ferroviário. A Lisnave e a Setenave na construção e reparação naval. Grandes estruturas metalomecânicas, conhecimento produtivo, formação operária, engenharia, fornecedores, cultura técnica. Tudo isso foi sendo tratado como coisa antiga, pesada, difícil, conflituosa, pouco moderna.

A modernidade, para a política portuguesa, passou a ser hotel, aplicação móvel, conferência, resort, centro comercial, visto dourado, call center e apresentação em

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

E depois admiram-se da pobreza.

A mentira confortável da produtividade

A OCDE continua a apontar à economia portuguesa problemas estruturais de produtividade, investimento, competências, escala empresarial e crescimento de longo prazo. No relatório económico de 2026, sublinha que aumentar a produtividade e o investimento é essencial para ganhos sustentados no nível de vida.

Mas Portugal prefere tratar a produtividade como defeito moral do trabalhador. O português é sempre acusado de produzir pouco, como se trabalhasse pouco por temperamento, por preguiça genética ou por excesso de almoços. Poucos dizem o essencial: produtividade não nasce apenas do esforço individual. Nasce de capital, tecnologia, organização, escala, gestão competente, formação, indústria, investigação aplicada, bons equipamentos, processos modernos e mercados exigentes.

Um trabalhador português numa fábrica tecnologicamente avançada na Alemanha, na Suíça, na Holanda ou na Dinamarca não leva uma alma nova na

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal não tem trabalhadores inferiores. Tem demasiadas estruturas produtivas inferiores.

E essas estruturas não caíram do céu. Foram o resultado de escolhas políticas, empresariais e financeiras. Escolhas que privilegiaram sectores rápidos, rendas fáceis, turismo, imobiliário, baixa intensidade tecnológica, importação de soluções prontas e dependência de investimento externo. Escolhas que abandonaram a indústria pesada, a engenharia nacional, a formação técnica, os fornecedores estratégicos e a ideia de construir capacidade própria.

O turismo como anestésico nacional

O turismo tornou-se o grande anestésico nacional. Cresce, emprega, traz receitas, enche hotéis, anima centros históricos e serve de argumento a todos os governos que precisam de mostrar números. Mas uma economia excessivamente dependente do turismo fica vulnerável, pressionada nos salários, exposta a ciclos externos, sujeita à especulação imobiliária e inclinada para empregos de menor valor acrescentado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

viagens tinham maior peso relativo no PIB em 2024. Isto não significa que o turismo seja mau. Significa que, quando se torna excessivamente central, revela aquilo que falta: indústria sofisticada, tecnologia própria, cadeias de valor, exportações complexas e empresas capazes de pagar salários europeus.

O turismo pode ser parte da economia. Não pode ser o destino nacional.

Um país não se desenvolve servindo cafés ao mundo enquanto importa os comboios, os navios, os chips, as máquinas, o software crítico, os equipamentos médicos e as tecnologias que definem o futuro. Um país não fica rico por ter aeroportos cheios se a sua juventude qualificada continua a sair. Um país não cria prosperidade por transformar cidades em alojamento temporário e trabalhadores em figurantes da paisagem turística.

O drama português é este: enquanto outros países discutem semicondutores, defesa, inteligência artificial, energia nuclear, indústria ferroviária, robótica, baterias, aeroespacial, biotecnologia e reindustrialização estratégica, Portugal discute recordes de dormidas, rotas aéreas, rankings de praias, festivais, hotéis e “experiências

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A geração dos anúncios

E depois vem a geração dos anúncios.

Anunciam fábricas.

Anunciam hubs.

Anunciam clusters.

Anunciam ecossistemas.

Anunciam agendas mobilizadoras.

Anunciam transições verdes.

Anunciam fundos.

Anunciam pactos.

Anunciam plataformas.

Anunciam o futuro com uma confiança que só é possível em quem nunca foi responsabilizado pelo passado.

Mas a realidade continua teimosa. A indústria transformadora portuguesa representa uma fatia limitada do PIB quando comparada com economias industrialmente mais robustas. Isto não é a marca de um país

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Não se cria tecido industrial por decreto.

Cria-se com décadas de encomendas previsíveis, capital paciente, formação profissional, escolas técnicas, universidades ligadas à produção, fornecedores locais, engenharia nacional, transferência tecnológica, contratos públicos inteligentes, estabilidade regulatória, energia competitiva, bancos que financiem indústria e gestores que percebam fábricas em vez de apenas balanços trimestrais.

Mas Portugal teve demasiadas vezes o oposto.

Teve bancos que preferiram imobiliário.

Teve políticos que preferiram inaugurações.

Teve empresários que preferiram protecção.

Teve Estado que preferiu burocracia.

Teve universidades que muitas vezes ficaram longe da oficina.

Teve administração pública que confundiu controlo com paralisia.

Teve partidos que confundiram país com clientela.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É por isso que a conversa sobre fabricar comboios em Portugal deve ser recebida com esperança vigiada, não com entusiasmo infantil. Sim, que se fabrique. Sim, que se criem empregos. Sim, que se aproveite a oportunidade. Mas sem mentira. Sem vender montagem como soberania. Sem fingir que uma unidade estrangeira substitui uma política industrial nacional. Sem transformar centenas de empregos directos numa epopeia industrial. Sem apagar o facto de que a Sorefame morreu porque o país não soube defender, modernizar e integrar uma capacidade que já tinha.

Portugal tem uma paixão perigosa por regressos simbólicos. “Voltamos a fabricar comboios.” “Voltamos ao mar.” “Voltamos à indústria.” “Voltamos à estratégia.” A palavra “voltamos” é confortável porque evita a palavra “falhámos”.

Falhámos a ferrovia.

Falhámos a indústria naval.

Falhámos a metalomecânica pesada.

Falhámos a política energética de longo prazo.

Falhámos a formação técnica.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

~~Fallámos a soberania económica.~~

Falhámos porque confundimos democracia com alternância, alternância com competência e competência com propaganda.

A liberdade que não se transformou em prosperidade

A geração de políticos dos últimos 52 anos habituou-se a apresentar o país como se Portugal estivesse sempre “no caminho certo”. O caminho certo, curiosamente, conduz sempre ao mesmo destino: salários baixos, produtividade fraca, jovens emigrados, serviços públicos pressionados, habitação impossível, empresas pequenas, justiça lenta e dependência de sectores frágeis.

Isto não é destino. É resultado.

Resultado de uma elite que celebrou Abril sem construir suficientemente depois de Abril.

Resultado de uma democracia que trouxe liberdade, mas não criou prosperidade à altura dessa liberdade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

foram tomadas para parecer modernas, não para serem transformadoras.

A liberdade política foi indispensável. Mas um povo livre pode continuar pobre. Pode votar e continuar sem futuro. Pode falar e continuar sem ser ouvido. Pode emigrar livremente e, ainda assim, essa liberdade ser apenas a confirmação amarga de que o país não lhe deu razões para ficar.

Portugal não precisava apenas de ser livre. Precisava de ser competente.

Precisava de pegar na Sorefame e transformá-la numa fileira ferroviária moderna.

Precisava de pegar na Lisnave e na Setenave e transformá-las numa plataforma marítima atlântica de engenharia, energia offshore, reparação naval, robótica oceânica e defesa.

Precisava de transformar as universidades em motores industriais.

Precisava de formar técnicos como quem forma soberania.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Precisava de substituir o folclore democrático por exigência nacional.

O espectáculo do anúncio e a disciplina da construção

Mas a política portuguesa prefere o espectáculo do anúncio à disciplina da construção. O anúncio dá votos. A construção dá trabalho. O anúncio cabe num telejornal. A construção demora vinte anos. O anúncio emociona. A construção exige método. O anúncio tem fotografia. A construção tem óleo, aço, solda, matemática, fornecedores, erros, ensaios, certificações e noites sem glamour.

Portugal escolheu demasiadas vezes a fotografia.

E é por isso que, quando hoje ouvimos falar de “regresso” da indústria, devemos perguntar: regresso de quê? Da fábrica? Da montagem? Da engenharia? Dos fornecedores? Da tecnologia? Da decisão estratégica? Do capital nacional? Da escola técnica? Da soberania produtiva? Ou apenas o regresso da palavra “indústria” aos discursos oficiais?

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal não está pobre por falta de anúncios. Está pobre por excesso de anúncios sem consequência.

E outra, ainda mais cruel:

A mediocridade política portuguesa destruiu indústria real e agora vende como milagre a possibilidade de montar parte daquilo que antes sabia fabricar.

A prova do futuro desperdiçado

A Sorefame, a Lisnave e a Setenave não são nostalgias. São provas. Provas de que Portugal já teve mais capacidade produtiva do que a narrativa actual admite. Provas de que o país não nasceu condenado a servir cafés, vender quartos, importar comboios e exportar filhos. Provas de que houve conhecimento, trabalho, engenharia e indústria. Provas de que o futuro foi possível.

E provas de que foi desperdiçado.

A geração política que anuncia grandes negócios enquanto deixa o país vegetar na pobreza não é apenas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

um jovem que deixa de aprender. É uma região que perde futuro. É um país que se torna mais dependente.

No fim, resta o folclore.

Folclore democrático.

Folclore europeu.

Folclore da inovação.

Folclore da reindustrialização.

Folclore dos anúncios.

Folclore da modernidade.

Mas um país não vive de folclore. Vive do que produz, do que sabe fazer, do que exporta, do valor que cria, da justiça que aplica, da inteligência que retém e da coragem com que planeia o futuro.

Portugal teve liberdade. Teve tempo. Teve dinheiro europeu. Teve localização. Teve talento. Teve indústria. Teve mar. Teve fábricas. Teve estaleiros. Teve comboios.

Faltou-lhe uma coisa demasiado rara: dirigentes à altura do país que diziam querer construir.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

*enquanto decide morrer e a capacidade de
transformar essa liberdade em prosperidade. Hoje
anuncia grandes negócios, mas continua a viver
pequeno.*

Referências

1. Museu das Marcas, “Sorefame”, perfil histórico da empresa, origem, competências industriais, exportações e produção ferroviária.
<https://museudasmarcas.pt/marcas/sorefame/>
2. RTP/Lusa, “Ex-trabalhadores da Bombardier esperam reintegração três anos após fecho da fábrica da Amadora”, 24 de Maio de 2007.
https://www.rtp.pt/noticias/economia/ex-trabalhadores-da-bombardier-esperam-reintegracao-tres-anos-apos-fecho-da-fabrica-da-amadora_n85095
3. RTP/Lusa, “Quinze meses de negociações com a Bombardier sem acordo — cronologia”, 17 de Maio de 2005.
https://www.rtp.pt/noticias/economia/quinze-meses-de-negociacoes-com-a-bombardier-sem-acordo-cronologia_n74603

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

[alstom-supply-153-trains-comboios-de-portugal-and-establish-manufacturing-facility-portugal](#)

5. Alstom, “Alstom strengthens its industrial footprint in Portugal and reinforces its role in the country’s rail ecosystem”, Junho de 2026.

<https://www.alstom.com/press-releases-news/2026/6/alstom-strengthens-its-industrial-footprint-portugal-and-reinforces-its-role-countrys-rail-ecosystem>

6. OECD, “OECD Economic Surveys: Portugal 2026”, análise sobre produtividade, investimento, competências, escala empresarial e crescimento de longo prazo.

https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-surveys-portugal-2026_025b3445-en.html

7. OECD, “Improving public spending efficiency, skills and housing policies would boost Portugal’s economy and living standards”, 6 de Janeiro de 2026.

<https://www.oecd.org/en/about/news/press-releases/2026/01/improving-public-spending-efficiency-skills-and-housing-policies-would-boost-portugal-s-economy-and-living-standards.html>

8. Banco de Portugal / BPstat, “Números que contam — Travel exports and expenditure”, referência ao peso das exportações de viagens no PIB português.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

noutros países da União Europeia.

https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Tourism_statistics

10. World Bank Data, “Manufacturing, value added (% of GDP) — Portugal”.

<https://data.worldbank.org/indicator/NV.IND.MANF.ZS?locations=PT>

Nota Editorial

Esta crónica não nasce de qualquer saudosismo pelo Estado Novo. O regime anterior a 1974 foi autoritário, repressivo, censório, colonialista e politicamente sufocante. Teve uma polícia política monstruosa, a PIDE/DGS, que existiu para vigiar, intimidar, prender, torturar, censurar e esmagar oposição. A liberdade conquistada em Abril foi indispensável e moralmente superior ao regime que caiu.

Mas a verdade histórica não pode ser reduzida a catecismo. Antes de 1974 não existia apenas miséria, medo e atraso. Existiam também sectores industriais relevantes, empresas com escala, metalomecânica

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal era pobre e reprimido, sim. Mas não era um deserto produtivo absoluto, como convém hoje a muita gente repetir para fingir que tudo o que veio depois foi progresso inevitável.

A retórica oficial do regime democrático gosta demasiado desta operação moral simplificada: antes era tudo trevas; depois veio Abril; logo, tudo o que falhou depois não conta ou deve ser desculpado pela liberdade conquistada.

Essa caricatura serve para encantar, mas sobretudo para esconder. Esconde a hipocrisia de um regime que celebra a liberdade enquanto deixa o país empobrecer. Esconde a mediocridade das elites que herdaram fábricas, estaleiros, técnicos, engenharia e cadeias produtivas, mas não souberam transformar essa herança numa economia livre, moderna, produtiva e próspera.

Não temos de escolher entre a mentira saudosista e a mentira democrática. A primeira esquece a repressão do Estado Novo; a segunda apaga a capacidade

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

liberdade Portugal pontualmente. Mas as elites

democráticas falharam quando não souberam transformar a base industrial herdada numa economia moderna, livre, produtiva e tecnologicamente soberana.

A liberdade foi uma conquista. Mas transformar liberdade em prosperidade exigia inteligência estratégica, continuidade, exigência, competência e visão nacional.

E essa, infelizmente, faltou em doses industriais.

A história não é um conto de fadas escrito para apagar uns pecados e iluminar apenas os crimes dos outros. Não serve para transformar a ditadura em nostalgia, nem a democracia em altar. Serve para compreender, distinguir, acusar e responsabilizar. O Estado Novo foi opressivo, censório e politicamente monstruoso. Mas a democracia portuguesa não ganha grandeza por falsificar o passado. Ganha grandeza quando tem coragem de reconhecer que herdou alguma capacidade industrial, técnica e produtiva, e que falhou gravemente ao não a democratizar, modernizar e projectar para o futuro. Não temos de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

hipocrisia e a sua mediocridade. A verdade histórica é mais exigente. E por isso incomoda tanto.

Crónica de Francisco Gonçalves, em Julho de 2026.

Um cidadão e testemunha histórica, que viveu e viu tudo isto acontecer nos últimos 65 anos, e presenciou a decadência e a corrupção de uma nação, cujo povo merecia tudo o que Abril prometeu, e lhe falhou miseravelmente.

A história também é feita de memórias e referências e estas são importantes para as gerações futuras. Sem elas a nação irá cometer vezes sem contas estes erros do passado longínquo e recente.



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)